



Cadernos de Semiótica Aplicada
Vol. 4.n.2, dezembro de 2006

Uma Abordagem Sobre Leitura:
Entre sociologia e semiótica

Reading Approach:
Between sociology and semiotics

Arnaldo Cortina
UNESP - Universidade Estadual Paulista e CNPq

Resumo: Este trabalho procura discutir a questão interdisciplinar a partir da perspectiva semiótica. Inicialmente coloca o tema da interdisciplinaridade no âmbito das investigações semióticas na França para, posteriormente, mostrar como essa questão aparece nos estudos semióticos no Brasil. A partir dessas colocações gerais, focaliza uma proposta de pesquisa sobre leitura, segundo a perspectiva semiótica, ao mesmo tempo em que a insere no campo dos estudos sociológicos.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, leitura, semiótica, sociologia.

Abstract: This work intends to discuss interdisciplinary issues from a semiotics perspective. It will first place the interdisciplinary studies on the research scope of France's semiotics to then show how they reflect on Brazilian's researches. From those general placements, this research will focus on a proposal about reading, based on semiotics perspectives, and at the same time introducing it on sociological study fields.

Keywords: interdisciplinary, reading, semiotics, sociology.

Este texto é resultado de um convite a mim dirigido pelo Prof. Ivã Lopes para participar de uma mesa-redonda, cujo tema de debate era “interdisciplinaridade e semiótica”. De imediato, pareceu-me que se tratava de uma questão bastante complexa, porque, em primeiro lugar, o termo “interdisciplinaridade” tem se colocado atualmente de maneira bastante preponderante em diferentes campos de estudos das três grandes áreas do conhecimento (as humanas, as biológicas e as exatas). Em segundo lugar, porque pensar a

semiótica em relação a esse conceito significa tocar em velhos problemas para os semioticistas.

Para tentar encontrar um caminho para instaurar a discussão, procurei, inicialmente, pontuar a interdisciplinaridade. No início do século XX, a sociedade Ocidental passa por grandes transformações com o avanço do sistema econômico capitalista e o conseqüente impulso do processo de industrialização. Até meados da década de 70 vivemos a era das particularizações que, até hoje, deixam seus reflexos no mercado de trabalho e no sistema de ensino universitário. Quanto mais um indivíduo se especializasse em determinado conhecimento, mais reconhecimento adquiria, porque se pressupunha que este (seu conhecimento) estivesse mais sólida e profundamente sedimentado. Mas, por causa da própria transformação do sistema econômico, os valores foram se alterando e hoje, embora se mantenha a idéia de especialização do conhecimento, o homem do século XXI não pode mais se isolar totalmente de outros campos do saber. Vivemos um período de globalização em que não mais o sujeito se coloca no espaço circunscrito de sua cidade, de seu estado ou de seu país, mas no espaço do mundo. Do mais recôndito lugar do interior do território brasileiro, posso, por meio da TV, entrar em contato com qualquer outro povo do planeta; desse mesmo lugar posso também, por meio do computador, via Internet, acessar informações de quaisquer lugares do mundo. Vivemos a era do vídeo e da informática que tudo agrega, tudo aproxima.

No encontro do Grupo de Trabalho de Semiótica da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação em Linguística e Letras), realizado em Niterói, nos dias 1º e 2 de junho de 2005, o tema central da discussão foi “Teoria semiótica: interfaces e diálogos”. Nesse evento tratou-se da relação da Semiótica com a Retórica, com a Fenomenologia, com a Linguística, com a Antropologia do imaginário, com a Psicanálise, com a Música, com a Pintura, com o Discurso jornalístico e com o Discurso Literário. A questão da interdisciplinaridade, portanto, estava colocada nessa reunião.

Mas se o tema é de urgência, quando voltamos nosso olhar para o que ficou para trás, o que verificamos que os semioticistas têm feito nessa direção durante os quarenta anos de trabalho da semiótica fundada por Greimas? Como pertinentemente coloca Bevidas, em seu artigo publicado nos Cadernos de Semiótica Aplicada (vol. 3, n.1, de agosto de 2005),

Sabemos que houve e há pesquisas de fronteira interdisciplinar (I. Darrault na psicologia; H. Parret na filosofia; E. Landowski na semiótica jurídica e sociosemiótica; M. Arrivé, J.-C. Coquet na psicanálise; J. Courtés na teologia, J.-M. Floch na mídia e comunicação, para mencionar apenas poucos, dentre os pioneiros). Mas podemos garantir que esses trabalhos vão além de um simples empréstimo de *objetos empíricos* dessas áreas para depois, devidamente semiotizados, apenas servirem de “consumo interno” à semiótica? (p. 3)

A preocupação de Bevidas (2005) assenta-se na dúvida de que muito pouco dessa semiotização de *objetos empíricos* tenha grande influência na episteme das disciplinas em interface. Uma das razões apontadas por ele consiste na resistência, por parte dos semioticistas, em tornar mais acessíveis certos conceitos do jargão da semiótica nesse processo de negociação com as diferentes áreas do conhecimento:

(...) sem a conversão dos seus resultados num saber partilhável pelas outras disciplinas, a semiótica só pode mesmo ver seu progresso compartilhado por pouco mais de um punhado de pesquisadores, num incômodo discurso tendencialmente “esotérico” (aos olhos externos), correr o risco de abstrações cada vez mais artificialistas, minimalistas,

detalhistas, que dificilmente conseguem esconder os primeiros vestígios de saturação desagregadora. (p. 4)

Se examinarmos a situação aqui no Brasil, por outro lado, verificaremos que essa preocupação com a interdisciplinaridade assume características distintas dos trabalhos franceses. Uma das principais tendências dos semioticistas brasileiros, desde a década de 90 até os dias atuais, principalmente, parece ter sido aliar-se aos estudos histórico-ideológicos, numa tentativa de estabelecer relações com a Análise do Discurso, também de origem francesa, e com a perspectiva sociológica de Mikhail Bakhtin. Não sei se poderia chamar isso de interdisciplinaridade ou se seria mais adequado falar em convergências de diferentes orientações teóricas sobre o mesmo objeto, no caso o discurso, e, principalmente, na questão da enunciação no discurso.

Por outro lado, é possível observar ainda, no Brasil, uma forte aproximação dos estudos semióticos com o discurso didático. Nessa direção, posso destacar a importância das obras, *Teoria do discurso*. Fundamentos semióticos e *Teoria semiótica do texto*, de Barros (1988 e 1990, respectivamente) e *Elementos de análise do discurso*, de Fiorin (1989), para a formação de duas gerações recentes de pesquisadores em semiótica, as dos anos 1990 e 2000. Essas obras, que chamaremos “manuais de semiótica”, são responsáveis pela divulgação da teoria semiótica greimasiana com vistas exatamente àquilo que Beividas (2005) reclamava acima, isto é, tornar mais palatável e mais aceitável o jargão semiótico. Hoje, preocupados com essa divulgação e buscando novos adeptos para a semiótica de Greimas podemos citar duas recentes publicações, uma da USP, mais especificamente, do GESUSP, *Semiótica*. Objeto e práticas, organizado por Lopes & Hernandes (2005), e outra, os cinco números da revista *Cadernos de Semiótica Aplicada*, do grupo CASA, de Araraquara. Devo citar também outro trabalho oriundo também da USP, *Análise semiótica através das letras*, Tatit (2001), cujo objetivo consiste em ensinar o instrumental da semiótica. Mas Tatit merece um lugar à parte, pois sua grande contribuição interdisciplinar está exatamente na relação que todos os seus trabalhos estabelecem entre a semiótica e a música, especialmente a popular brasileira.

Ainda na fronteira entre a semiótica e o discurso didático, não poderia deixar de fazer referência aqui aos livros *Para entender o texto: leitura e redação* e *Lições de texto: leitura e redação*, de Platão e Fiorin (1990 e 1996, respectivamente), que, sem dúvida, levaram a teoria semiótica para os bancos das escolas de ensino médio brasileiro, sendo inclusive utilizados em disciplinas que tratam das questões de leitura e de redação nos primeiros anos de vários cursos de Letras no país. Posteriormente a ele aparece o livro *Leitura do mundo*, de Discini e Teixeira (1999), para o ensino fundamental e, mais recentemente, *A comunicação nos textos*, de Discini (2005), para o ensino médio também.

No espaço deste texto não seria possível citar todos os trabalhos importantes em semiótica que têm sido produzidos no Brasil. Muitos poderão reclamar da falta de uma série deles, mas o que procurei mostrar, rapidamente, e me atendo ao tema central a partir do qual produzi este texto, foram trabalhos que, de alguma forma têm um viés, interdisciplinar. Só para falar ainda de dois últimos trabalhos em semiótica, lembraria, evidentemente, *Razões e sensibilidades*. A semiótica em foco, organizado por Cortina e Marchezan (2004), em Araraquara. Nesse trabalho procuramos reunir num só volume, primeiramente, alguns semioticistas franceses e brasileiros e, em segundo lugar, algumas das diferentes direções que os estudos semióticos têm traçado tanto no Brasil como na França. Entre eles há muitas interfaces com diferentes áreas de estudos. O outro livro ainda não está pronto, é um trabalho coletivo, fruto do CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada, cujo objetivo consiste na aplicação da teoria semiótica na análise exclusivamente de textos literários.

Por sua vez, como eu, enquanto pesquisador e docente, coloco-me entre esses diferentes trabalhos dos semioticistas brasileiros? E mais: o que as pesquisas que desenvolvo têm a ver com interdisciplinaridade?

Em primeiro lugar tenho a dizer que me considero um estudioso da semiótica que tem uma idéia fixa, tal como a valoriza Brás Cubas em suas memórias póstumas: examinar a questão da leitura do texto escrito. E isso tenho feito desde meu mestrado. Em minha dissertação, intitulada, *O texto e o leitor*. Um problema de interpretação, concluída em 1988, procurei observar como diferentes públicos de leitores interpretavam dois textos tipologicamente diferentes, um literário, *A hora dos ruminantes*, de J. J. Veiga, e um político, o discurso pronunciado pelo então presidente da República do Brasil, o senhor José Sarney, em defesa do presidencialismo e do período de cinco anos para o mandato de presidente da república, pois, naquela época, realizava-se um processo de discussão da redação da nova Constituição do país. O primeiro público, que chamei “leigo”, era constituído por algumas pessoas de diferentes faixas etárias e camadas sociais, de nível escolar universitário e médio, que liam os textos e, posteriormente, apresentavam suas interpretações sobre eles. Outro público, que chamei “especialista”, era constituído por críticos literários e acadêmicos que interpretavam o texto de J. J. Veiga, e por políticos de diferentes partidos que comentavam o discurso do então presidente da República. Esse trabalho tinha como foco a questão da enunciação no discurso, mas o que acabou sendo privilegiado na pesquisa foi o exame da apreensão do sentido na constituição do texto. Na medida em que entendia que a leitura correspondia a uma contraposição intertextual, isto é, que a interpretação consistia num texto que falava de outro texto, acabei realizando uma análise semiótica tanto dos textos do *corpus*, o literário e o político, como dos textos de suas interpretações.

Posteriormente, em meu trabalho de doutorado (CORTINA, 2000), propus um exame histórico da leitura, na medida em que investiguei distintas interpretações realizadas por diferentes leitores do livro de Nicolau Maquiavel, desde o século XVI, quando foi publicado pela primeira vez, até o século XX. Para tanto foi necessária uma pesquisa para resgatar os registros escritos de leitura dos diferentes leitores do autor florentino. Os objetivos com que pretendi realizar essa tarefa foram os de “verificar os mecanismos lingüísticos, por um lado, e os do contexto sócio-histórico, por outro, responsáveis por tantas leituras distintas” (p 17). Nesse momento, então, voltava-me mais atentamente para a questão ideológica e histórica da enunciação do discurso, numa inter-relação (interdisciplinaridade?) com a Análise do Discurso francesa. A noção do “leitor real” mantinha-se tal como na pesquisa do mestrado, uma vez que trabalhava com as leituras (os textos) que interpretavam um texto primeiro, o de Maquiavel. Meu problema específico no doutorado era demonstrar que processo interpretativo era aquele que, ao longo da história, criava leituras tão distintas, umas que condenavam o discurso maquiavélico e outras que o exaltavam.

Perseguindo ainda o rastro desse leitor indecifrável, atualmente desenvolvo uma pesquisa cujo objetivo consiste em estabelecer o perfil do leitor brasileiro contemporâneo. Assim, “História da leitura no Brasil: 1966 a 2004” consiste num estudo diacrônico que se vale da teoria semiótica como método de investigação. O primeiro problema que se coloca, então, para o desenvolvimento dessa pesquisa é o estabelecimento de um *corpus* que forneça as informações necessárias para se chegar a uma caracterização do público leitor. O trabalho parte, portanto, da hipótese de que o levantamento dos livros mais lidos pelo público leitor brasileiro levar-me-á a um perfil desse leitor, isto é, examinando os discursos que mais despertam o interesse do leitor brasileiro contemporâneo, chegarei a identificá-lo. A partir da detecção desse universo de leituras, por meio do aparato teórico-metodológico da semiótica, examino os textos mais representativos das escolhas realizadas pelos leitores brasileiros

contemporâneos para chegar a um possível “perfil” desse leitor. Como é impossível caracterizar os leitores propriamente ditos, parto da hipótese de que a escolha que ele faz do que lê é reflexo de seus interesses, valores e desejos.

Ao iniciar, a pesquisa, porém, verifiquei que chegar a um levantamento dos livros mais lidos no Brasil era tarefa impossível. Na verdade, o único dado real, passível de ser coletado, era o dos livros mais vendidos. Ao me lançar à busca dessas informações então verifiquei que não era algo tão simples como imaginara no início, pois demandava um grande trabalho de coleta. Depois de longa tarefa de levantamento dos dados para a constituição do *corpus*, em consultas a bibliotecas das cidades de Araraquara, São Paulo e Rio de Janeiro privilegiei duas fontes que me pareceram mais promissoras.

Inicialmente fiz o registro das listas dos livros mais vendidos, publicadas pelo jornal *Leia*. Nascido em abril de 1978, o *Leia* foi um periódico mensal que circulou no território nacional durante o período de abril de 1978 a setembro de 1991 e que tinha como objetivo examinar a questão do livro no Brasil e, conseqüentemente, o que o leitor brasileiro lia.

Como os dados coletados nesse periódico não davam conta do período inicialmente estabelecido pela pesquisa, de 1966 a 2004, foi necessário recorrer a outra fonte de informação. Na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro constatei que o *Jornal do Brasil* veiculava uma lista de livros mais vendidos no Brasil num caderno publicado aos sábados, intitulado “Idéias”. Em consulta ao banco de dados da biblioteca constatei que esse jornal, embora tivesse sido fundado em 1890, começou a publicar uma coluna dos livros mais vendidos no Brasil a partir de agosto de 1966. Por meio de consulta aos arquivos da Biblioteca Nacional e da biblioteca do *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, cheguei então ao registro das listas dos livros mais vendidos publicados por esse jornal durante o período de agosto de 1966 a dezembro de 2004. O registro dos mais vendidos nesse jornal durante o período referido não é contínuo, pois há interrupções de publicação dessas listas entre dezembro de 1969 e janeiro de 1971 e entre fevereiro de 1976 e abril de 1984.

Na medida em que o *corpus* da pesquisa está constituído é preciso então discutir os procedimentos de análise. Assim, compete entender, neste momento, a proposta inicial do projeto que consistiu na descrição de um perfil do leitor brasileiro contemporâneo a partir dos anos 60. Não se trata evidentemente de desenvolver um estudo sobre o leitor real, aquele em “carne e osso”, para saber como e porque lê os livros colocados no mercado editorial brasileiro. O máximo que conseguiria, se tentasse tal empreita, seria observar, por meio de uma coleta de tipo sociológica, se o público leitor brasileiro é constituído mais por homens do que por mulheres, qual sua faixa etária predominante, se pertence à classe A, B, C, D ou E e mais algumas outras características que dependeriam das intenções do pesquisador ao organizar os formulários de pesquisa. Além disso, um levantamento como esse jamais poderia recuperar o período compreendido entre a década de 60 até a de 90 do século passado, pois a coleta de dados por questionários ou entrevistas não é uma forma de registro viável para a caracterização de um conceito tão vasto como o de “leitor brasileiro contemporâneo”.

A pesquisa que atualmente desenvolvo, por sua vez, aproxima-se mais da perspectiva a partir da qual El Far (2004) examinou os livros mais consumidos pelo leitor carioca do final do século XIX e início do XX. Por meio de um levantamento realizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em jornais da época, a autora pôde identificar os nomes dos livros mais consumidos nas diferentes livrarias da então capital brasileira. Da mesma maneira como procurou chegar ao leitor carioca da época, analisando os livros mais lidos por eles, é como pretendo realizar esta investigação. A diferença, porém, entre o trabalho de Al Far (2004) e o meu consiste na perspectiva teórica a partir da qual serão analisadas as listas dos livros mais vendidos e dos discursos veiculados por esses livros. Enquanto a autora se valeu de um

modelo interpretativo que poderia ser chamado de sócio-cultural, pretendo aqui utilizar, para tal tarefa, as propostas teóricas da semiótica da escola de Paris.

Assim, se entendo a semiótica como um “conjunto significante que se suspeita, a título de hipótese, possua uma organização, uma articulação interna autônoma” (Greimas e Coutés, [1985?], p. 409) o qual se pretende conhecer e que pode ser caracterizada como “natural”, na medida em que compreende dois diferentes conjuntos significantes, “de um lado as línguas naturais e, de outro, os ‘contextos extralingüísticos’ que consideramos como sendo semióticas do mundo natural” (GREIMAS & COUTÉS, [1983?], p. 409-10), posso realizar também uma análise semiótica do conjunto de dados que o *corpus* da pesquisa me apresenta, na medida em que entendo esse mesmo *corpus* como um “conjunto significante” que configura o leitor brasileiro contemporâneo.

O que está no centro da discussão, portanto, é a questão de sujeito da enunciação, entendido como uma unidade complexa, na medida em que compreende tanto o enunciador quanto o enunciatário, entendidos, segundo a perspectiva da semiótica, como projeções actoriais, relacionadas a outras duas, a temporal e a espacial. Na medida, porém, que o discurso, ao se produzir, reflete e refrata os valores e a concepção de mundo de que o sujeito enunciador está investido, e na medida também que seus valores e concepções são originárias do lugar histórico e social que ocupa, constato que o leitor que consome determinado tipo de texto identifica-se com o discurso que ele veicula, com a visão de mundo que afirma.

Assim, por exemplo, é possível perceber, que a sociedade brasileira contemporânea, a partir de um determinado momento, diria a partir dos anos 70, intensifica uma característica muito marcante nas sociedades capitalistas, qual seja a focalização do individual em detrimento do social. É dessa maneira, por exemplo, que podemos justificar como os livros de auto-ajuda vão ganhando espaço nessas listas dos livros mais vendidos ao logo das cinco últimas décadas. E se examinarmos todas as obras elencadas nas listas dos mais vendidos, durante esse período, verificaremos que a chamada literatura de auto-ajuda assume configurações distintas. É possível detectar entre elas textos como *Sexus, plexus e nexus*, de Henry Miller, na década de 60; *Pare de engordar*, de Néelson Senise, na década de 70; *Só é gordo quem quer*, de João Uchoa Jr. e *Complexo de Cinderela*, de Colette Dowling, na década de 80; *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, de Olívia Clare, e várias obras de Paulo Coelho, na década de 90; *Perdas e ganhos*, de Lya Luft e *A arte da felicidade*, de Dalai Lama, nos anos 2000. A enumeração, enfim, poderia expandir-se, mas o que importa enfatizar é que o exame do *corpus* levantado, quando privilegiamos, como afirmei anteriormente, os componentes do discurso, podem nos ajudar a melhor caracterizar a questão da enunciação ao mesmo tempo em que propicia um perfil sociológico da figura do leitor brasileiro contemporâneo.

Essa relação estreita entre a semiótica e os estudos culturais ou sociológicos consiste num espaço interdisciplinar importante, pois pode significar uma troca produtiva de conhecimento teórico e metodológico. Na medida em que afirmo que a linguagem é um conjunto estruturado que produz o sentido, não posso deixar de levar em consideração que esse sentido sofre coerções sociais e ideológicas. O discurso não é uma construção individual, mas coletiva, na medida em que não se origina em cada indivíduo de maneira nova e inédita.

Retomando a referência inicial a Beividas (2005) diria que, na medida em que a semiótica não se fecha para as diferentes áreas, sem deixar de lado seu rigor metodológico e negociando com elas um canal de comunicação, o que significa tornar mais acessível sua metalinguagem, ganha em amplitude e pode encontrar respostas para algumas de suas questões não totalmente desenvolvidas.

Referências Bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: Fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.

_____. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

BEIVIDAS, Waldir. O imaginário humano: entre semiótica e psicanálise. **Cadernos de semiótica aplicada**. Araraquara, vol. 3 n. 1, de agosto de 2005. Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/artigos/V3n1/CASA2005-v3n1-Art-Beividas.pdf>. Acesso em: 06 set. 2005.

CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho (Org.). **Razões e sensibilidades**. A semiótica em foco. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004, p. 153-189. (Série Trilhas Lingüísticas, v. 6);

_____. **O príncipe de Maquiavel e seus leitores: uma investigação sobre o processo de leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

DISCINI, Norma. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

DISCINI, Norma & TEIXEIRA, Lúcia. **Leitura do Mundo**. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989. (Repensando a língua portuguesa)

GREIMAS, Algirdas Julien. & COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, [1983?]

TATIT, Luiz. **Análise semiótica através das letras**. S. Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LOPES, Ivã & HERNANDES, Nilton (Org.). **Semiótica**. Objeto e práticas. São Paulo: Contexto, 2005.

PLATÃO, Fancisco & FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1996.